

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

Miguel Rodrigues Netto
(Organizador)

2

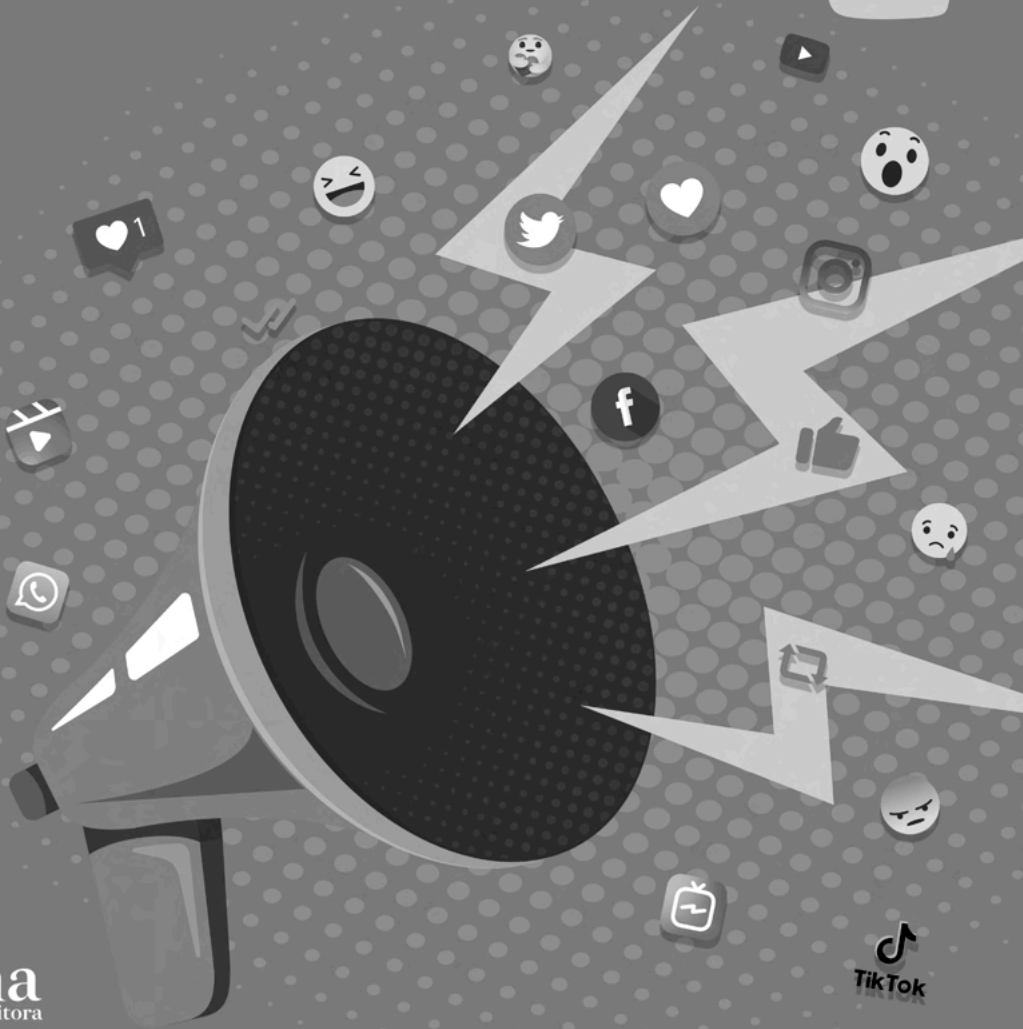


COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

Miguel Rodrigues Netto
(Organizador)

2



Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremo

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2

Diagramação: Daphynny Pamplona
Correção: Mariane Aparecida Freitas
Indexação: Gabriel Motomu Teshima
Revisão: Os autores
Organizador: Miguel Rodrigues Netto

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C741 Comunicação: mídias, temporalidade e processos sociais 2 /
Organizador Miguel Rodrigues Netto. – Ponta Grossa -
PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-540-9

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.409211410>

1. Comunicação. 2. Mídias. I. Rodrigues Netto, Miguel
(Organizador). II. Título.

CDD 302.23

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.

DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access, desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.

APRESENTAÇÃO

O livro “Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2” é uma obra multidisciplinar que reúne estudos científicos de pesquisadores de diversas partes do país e do exterior sob o eixo problematizador da mídia e de suas relações na sociedade. Ao todo dezessete capítulos estão reunidos neste segundo volume que consolida norteamentos presentes na primeira obra e ainda avança sobre temáticas novas que apontam para interdisciplinaridades ainda não exploradas.

A obra começa com um bloco de capítulos que dialogam diretamente com o fazer jornalístico como no caso do estudo sobre o gênero opinativo em revistas da área de saúde e também na fotografia jornalística como ferramenta para alunos ou mesmo no estudo sobre dispositivos móveis e construção da notícia. Percebemos neste primeiro bloco que embora o eixo norteador seja a visão jornalística, existe forte articulação com outras áreas como educação, política e cultura.

No segundo bloco de capítulos as pesquisas se abrem para outros campos da comunicação mantendo o perfil multidisciplinar da obra como pode ser visto nos estudos “Apontamentos sobre biopoder, biopolítica e biopotência na comunicação comunitária no ciberespaço”; “Ciberdemocracia e *fake news*: reflexões sobre o período eleitoral de 2018” e “O agro em tempos de pandemia: economia e saúde na textualização do político pela mídia”. Tais estudos se dão no campo comunicacional, mas é inegável a habilidade dos pesquisadores em dialogar com outras ciências produzindo estudos complexos e multifacetados.

No último bloco de textos aparecem aquelas pesquisas que dialogam de forma mais transversal e autônoma com as mídias, problematizando a partir de seus conhecimentos aspectos que perpassam pela relação com os meios. É possível nestes textos identificar abordagens a partir da sociologia, política, psicologia e filosofia. Tais abordagens não estão estanques, mas sim em movimento e influenciando na conceituação de fenômenos comunicacionais.

O objetivo central deste livro em seu segundo volume é ampliar ainda mais o diálogo multidisciplinar, o que pode ser verificado pela formação dos pesquisadores que perpassam por diversos campos do saber acadêmico e emprestam seus olhares a esta obra coletiva, escrita a muitas mãos, corações e mentes. A atualidade das discussões aponta para o momento em que vivemos que produz a inquietação do porvir e aguça o senso investigativo em busca de respostas que por sua dinâmica espiral produzem mais perguntas.

A imersão cibernética ocorreu de forma abrupta para muitos produzindo uma overdose de informações. Muitos estão cansados de lives, reuniões e eventos virtuais e do trabalho home-office, mas no novo normal estes processos sociais vieram para ficar. As plataformas digitais e o universo midiático que entraram definitivamente na vida das pessoas com o advento da pandemia da Covid-19, parece já causar menos estranhamento e começa a ser

mais desvelado tanto pelos estudiosos quanto pelos usuários.

Desejamos que Comunicação: Mídias, temporalidade e processos sociais 2 seja motivadora para seus objetivos em busca fontes para pesquisas futuras ou boa leitura e entretenimento. Afinal nestes tempos de pós-verdade e *fake news*, o que importa é a informação confiável e bem fundamentada.

Miguel Rodrigues Netto

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

DISPOSITIVOS MÓVEIS E CONSTRUÇÃO DA NOTÍCIA: UMA ANÁLISE DIANTE DA PARTICIPAÇÃO DO REPÓRTER LAERTE CERQUEIRA NA COBERTURA DO ATENTADO TERRORISTA DE BARCELONA

Miguel Rodrigues Netto

Daliana Martins Oliveira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114101>

CAPÍTULO 2..... 15

CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO OPINATIVO NAS REVISTAS VEJA SAÚDE E VIVA SAÚDE

Brunna Ingrid Pinheiro de Sousa


Flaubert Cirilo Jerônimo de Paiva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114102>

CAPÍTULO 3..... 34

EFEITOS DE SENTIDO SOBRE UMA PRÁTICA DISCRIMINADA: A CONSTRUÇÃO DE UMA MULHER MIGRANTE EM REPORTAGEM

Nádia Dolores Fernandes Biavati

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114103>

CAPÍTULO 4..... 46

FOTOGRAFIA JORNALÍSTICA COMO FERRAMENTA PARA ALUNOS COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA


Ismael García-Herrero

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114104>

CAPÍTULO 5..... 52

O PAPEL DA MÍDIA IMPRESSA NO PROCESSO DE CONFIGURAÇÃO DO ATOR DA ENUNCIÇÃO, PARTICIPANTE DAS MANIFESTAÇÕES DE JUNHO DE 2013 NA CIDADE DE SÃO PAULO

Tânia Regina Exposito Ferreira


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114105>


CAPÍTULO 6..... 64


REPRESENTAÇÕES POLÍTICAS NO SUPLEMENTO INFANTIL GURILÂNDIA: DIREITOS HUMANOS, CIVIS, POLÍTICOS E SOCIAIS NO JORNAL ESTADO DE MINAS DOS ANOS DE 1956 A 1964

Aline Choucair Vaz

Eliana Eduardo Gomes da Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114106>

CAPÍTULO 7.....	74
APONTAMENTOS SOBRE BIOPODER, BIOPOLÍTICA E BIOPOTÊNCIA NA COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA NO CIBERESPAÇO	
Patricia Franck Pichler Maria Ivete Trevisan Fossá	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114107	
CAPÍTULO 8.....	86
CIBERDEMOCRACIA E FAKE NEWS: REFLEXÕES SOBRE O PERÍODO ELEITORAL DE 2018	
Lohaynne Silva Gregório Perini	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114108	
CAPÍTULO 9.....	100
O AGRO EM TEMPOS DE PANDEMIA: ECONOMIA E SAÚDE NA TEXTUALIZAÇÃO DO POLÍTICO PELA MÍDIA	
Débora Pereira Lucas Costa Milton Mauad de Carvalho Camera Filho Cristinne Leus Tomé	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.4092114109	
CAPÍTULO 10.....	111
VISUALIDADE ALGORÍTMICA E CARTOGRAFIA CIDADÃ DA PANDEMIA - COVID-19	
Kenzo Soares Seto	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141010	
CAPÍTULO 11.....	123
MÍDIAS SOCIAIS E PROPAGANDA POLITICA ENTRE MANIPULAÇÃO E CENSURA	
Edgar Esquivel Solís	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141011	
CAPÍTULO 12.....	138
COMUNICAÇÃO E CIDADANIA CORPORATIVA: A QUESTÃO DA SUSTENTABILIDADE	
Mafalda Eiró-Gomes Ana Luísa Raposo	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141012	
CAPÍTULO 13.....	151
COMUNICACIÓN: MEDIOS, TEMPORALIDAD Y PROCESOS SOCIALES 2	
Elizabeth Carabalí Donneys	
 https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141013	
CAPÍTULO 14.....	156
REDES SOCIAIS E COMUNIDADES DE PRÁTICAS	
Luiz Carlos Affonso	


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141014>

CAPÍTULO 15..... 178

TRANSTORNO MENTAL E ESTEREÓTIPOS: A PROPAGAÇÃO PELOS MEIOS DE COMUNICAÇÃO

Nadya Maria Macedo Pereira

Eliane Ribeiro Magalhães Fortes de Melo


 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141015>

CAPÍTULO 16..... 190

IDOLS EM DRAMAS TELEVISIVOS CHINESES: CONTEXTO HISTÓRICO, POP E SUBVERSÃO POLÍTICA EM *THE UNTAMED*

Tatiana Machado Boulhosa

Guilherme William Udo Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141016>

CAPÍTULO 17..... 202

AS RELAÇÕES HUMANAS EM TEMPOS DE UMA NOVA ERA VIRTUAL

Victor Antunes de Souza Serrão

Jadson Justi

Edriline Barbosa Lima Justi

Jamson Justi

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.40921141017>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 220

ÍNDICE REMISSIVO..... 221

Data de aceite: 01/10/2021

Luiz Carlos Affonso

<http://lattes.cnpq.br/3194945646173635>

RESUMO: O compartilhamento da informação sempre existiu, mesmo quando a comunicação entre humanos era por sinais. Com a chegada da internet e em específico, a Web 2.0 isso passa a acontecer mais intensamente, através de novos tipos de ambientes interativos, encurtando as distâncias e as divisões do que é local, regional e internacional, eliminando, assim, limites de participação que quebram barreiras sociais, políticas, econômicas e culturais. Este artigo tem por objetivo elucidar quais são esses ambientes; suas diferenças; os primeiros autores e a aplicação de cada um deles, inclusive no processo de aprendizagem. Artigo extraído do Livro: Redes Sociais Corporativas. Como implementar e aferir resultados.

PALAVRAS-CHAVE: Interação; Aprendizagem; Redes sociais na internet; Comunidades de prática; Gestão do conhecimento.

SOCIAL NETWORKS AND COMMUNITIES OF PRACTICE

ABSTRACT: Information sharing has always existed, even when the communication between humans used to occur through body language. With the arrival of the Internet and, particularly, Web 2.0, this occurs more intensely, through new types of interactive environments, between what

is local, regional and international, thus eliminating limits to the number of participants, which, as a result, breaks social, political, economic and cultural barriers. This article aims to clarify which environments these are/what these environments are, their differences, and what each one of them is used for, including in the learning process. In addition, it addresses who the authors that first used the terms like 'virtual communities' and 'social networks' are. Article taken from the Book: Corporate Social Networks. How to implement and measure results

KEYWORDS: Interaction; Learning; Social networks on the Internet; Communities of practice; Knowledge management.

Este artigo tem por objetivo apresentar, inicialmente, os conceitos e a evolução de estudos que contribuíram para o surgimento das redes sociais e comunidades de práticas. A seguir, serão apresentados os princípios e os estudos sobre comunidades de práticas; os recursos de interação e processo de aprendizagem.

O compartilhamento da informação sempre existiu, mesmo quando a comunicação entre humanos era por sinais. Entretanto, ele passa a acontecer mais intensamente quando da criação dos computadores pessoais, na década de 1970.

Segundo Laurindo e Carvalho:

O conceito de computador pessoal (PC) firmou-se como ferramenta de uso profissional a partir da 2ª. metade da década de 1970, com o microcomputador da Apple e a planilha eletrônica (*na época o Visicalc*). Contudo, o grande salto em sua disseminação ocorreu no início dos anos 80, quando a IBM lançou sucessivamente o *IBM PC*.(LAURINDO; CARVALHO, 2003, p.364).

A Internet, iniciada na década de 1990, se popularizou a partir de 1995 (RNP, 2008), estabelecendo um novo formato de comunicação que nos leva a uma nova forma coletiva de pensar e agir no ciberespaço.

Para Levy (1994, p.28), a inteligência coletiva “é uma inteligência distribuída por toda parte, incessantemente valorizada, coordenada em tempo real, que resulta em uma mobilização efetiva das competências”.

Para caracterizarmos a comunicação no ciberespaço é importante considerar a interveniência de vários fatores, como a possibilidade da interatividade de um tipo específico - interação de um para um e/ou de muitos para muitos -, produção colaborativa; recursos de multimídia; hipertextos e convergência digital. Com isso, “o surgimento do ciberespaço, portanto, marca o início de outra fase histórica do espaço-distância-tempo, os sistemas sociais cada vez mais possuem uma escala global”. (FUCHS¹, 2001, p.10, tradução nossa).

As características desse novo espaço exigem daqueles que dele querem fazer parte um perfil específico e, nesse sentido, Cavalcanti e Nepomuceno estabelecem as setes regras da inteligência coletiva:

Ela não será adotada por todos; ela conquistará com mais facilidade os inovadores; quanto mais dinâmica, mais vital será; quanto mais necessidade de conhecimento, mais rede; quanto mais multidirecional (menos hierarquizado) já é o ambiente, mais fácil será; indivíduos proativos vão se sentir mais à vontade; quanto mais tecnológico o ambiente, mais fácil.(CAVALCANTI; NEPOMUCENO, 2007, p.41).

A partir de outubro de 2004 teve início à chamada Web 2.0. Esse conceito “começou com uma conferência de *brainstorming* entre a O’Reilly e a MediaLive International”² (O’REILLY, 2005, p.2, tradução nossa) em São Francisco - Estados Unidos.

A Web 2.0 possibilitou a implementação de novos tipos de ambientes interativos, como, por exemplo, *Wikis*, que são a coleção de documentos em formato de hipertexto; redes sociais e *softwares* colaborativos, inclusive concebidos para a criação de comunidades de práticas e educação a distância *on-line*.

Ao pensar a Web como plataforma, “pode-se visualizar a Web 2.0 como um conjunto de princípios e práticas que interligam um verdadeiro sistema solar de sites que demonstram alguns ou todos esses princípios e que estão a distâncias variadas do centro”³(O’REILLY, 2005, p.2, tradução nossa).

1 The emergence of cyberspace, therefore, marks the beginning of another historical phase-distance space-time, social systems have an increasingly global.

2 Began with a conference brainstorming session between O’Reilly and MediaLive International.

3 You can visualize Web 2.0 as a set of principles and practices that tie together a veritable solar system of sites that demonstrate some or all of those principles, at a varying distance from that core.

Cavalcanti e Nepomuceno (2007, p.31) resumem as fases da Web no Quadro 1:

Etapas	Fases	Características
Web 1.0	Formação 1960-1995	Do âmbito acadêmico à entrada da Internet comercial
Web 1.0	Povoamento 1995-2005	Da entrada da Internet comercial à chegada da Web 2.0 (repetição do modelo um para muitos)
Web 2.0	Início dos projetos de Inteligência Coletiva da forma efetiva (2005)	Da chegada da Web 2.0 (projetos assumidamente voltados para o muitos para muitos)

Quadro 1: As fases da Web.

Fonte: Cavalcanti e Nepomuceno (2007, p.31).

A Internet na sua versão Web 2.0 e os recursos de interação que ela oferece, bem como o ciberespaço, foram fundamentais para a criação das redes sociais nesse ambiente, bem como as comunidades de práticas, encurtando as distâncias e as divisões do que é local, regional e internacional, eliminando, assim, limites de participação que quebram barreiras sociais, políticas, econômicas e culturais.

A seguir, são apresentadas descrições sobre comunidades e redes sociais; comunidades virtuais e redes sociais na Internet; comunidades de práticas na Internet; recursos de interação e processo de aprendizagem.

Antes de apresentamos o item sobre comunidades virtuais e redes sociais na internet, consideramos importante apresentar alguns conceitos sobre comunidades e redes sociais que estão relacionados, mas que, com o tempo, sofreram mutações.

A definição do que é uma comunidade tradicional de base local corresponde às abordagens clássicas que a definem a partir de algumas características que se referem à sua base local, como, por exemplo, um território; um aglomerado de pessoas; um grupo de instituições em uma mesma área geográfica. Abordagens contemporâneas como a de Wellman⁴ (2002, p.3, tradução nossa) definem “comunidade como redes de laços interpessoais que proporcionam sociabilidade, apoio, informação, um sentimento de pertencimento e identidade social”, um conceito de comunidade que se forma basicamente a partir de relacionamentos que podem transcender à localidade. Castells (2008, p.515), por exemplo, ressalta que “lugares não são necessariamente comunidades, embora possam contribuir para sua formação”.

A quebra de laços familiares, a desintegração de pequenas vilas, o crescimento dos bairros e das cidades e as condições de mobilidade física e social da humanidade

⁴ Community as networks of interpersonal ties that provide sociability, support, information, a sense of belonging, and social identity.

contribuíram para a descaracterização de comunidades tradicionais e para a formação de comunidades sem referência territorial, que nada mais são do que as redes sociais. Segundo Wellman⁵ (2002, p.2, tradução nossa), “a proliferação de transporte barato e eficiente e redes de comunicação no mundo desenvolvido aumentou a velocidade de transações e promoveu densidade interacional”. Castells (2008, p.444) concebe comunidades locais como “uma das muitas opções possíveis para a criação e a manutenção de redes sociais (...)”. Nesta concepção, portanto, a manutenção de contato frequente em rede, visando ao compartilhamento de interesses comuns, é o que caracteriza uma comunidade. Comunidades são redes sociais que podem ou não ter uma base local.

O estudo das redes sociais é antigo e foi inicialmente utilizado para o estudo das relações sociais por parte de antropólogos e sociólogos, inclusive para a compreensão de como elas são acionadas pelos indivíduos para a obtenção de recursos, inclusive a obtenção de empregos.

Segundo Marteleto e outros (2004, p.41), “as redes são sistemas compostos por ‘nós’ e conexões entre eles que, nas ciências sociais, são representados por sujeitos sociais (indivíduos, grupos, organizações etc.) conectados por algum tipo de relação”. Castells (2008, p.565) complementa que “redes constituem a nova morfologia social de nossas sociedades e a difusão da lógica de redes modifica de forma substancial a operação e os resultados dos processos produtivos e de experiência, poder e cultura”.

Essas redes estabelecem uma configuração básica nas relações entre pessoas ao longo da vida e o exemplo típico são as relações familiares. Um outro tipo de rede são aquelas formadas para defenderem interesses comuns. Essas relações são caracterizadas pelos laços sociais existentes entre os atores que geram capital social.

Assim, entendemos que “o capital social é definido como recursos incorporados às redes sociais do indivíduo, como recursos que podem ser acessados ou mobilizados através de laços nas redes” (LIN⁶, 2005, p.4, tradução nossa). Já Recuero (2009, p.46) refere-se “ao capital social como conexão entre indivíduos – redes sociais e normas de reciprocidade e confiança que emergem dela”.

Com base nos autores acima mencionados podemos compreender que a produção de bens coletivos em redes de cooperação fornece a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal que trazem vantagens para indivíduos e grupos. Haythornthwaite⁷(2010, p.9, tradução nossa) afirma que “[...] o que diferencia um laço forte é a associação estreita entre as pessoas que mantêm esse laço”. Já Granovetter (1983, p.229) busca uma interessante definição técnica de laços fortes e fracos, considerando laços fortes aqueles cuja probabilidade de estabelecimento de pontes é maior e laços fracos aqueles cuja

5 The proliferation of cheap and efficient transportation and communication networks in the developed world has increased the velocity of transactions and fostered interational density.

6 Social capital is defined as resources embedded in one’s social networks, resources that can be accessed or mobilized through ties in the networks.

7 [...] what differentiates a strong tie is the close association between the people who maintain that tie.

probabilidade de estabelecimento de pontes seria menor.

O número e intensidade desses laços ou conexões entre os atores podem ser dimensionados, o que permite identificar a estrutura da rede. Esses atores (ou nós), como indivíduos, empresas, equipes e outros tipos de atores, como políticos, podem compartilhar informações com objetivos diferentes. Os recursos de análise de redes sociais permitem a identificação de indivíduos que exercem papéis específicos e eventualmente fundamentais para a continuidade das redes, incluindo as posições de liderança, de ponte entre atores, assim como as posições marginais que facilitam a conexão entre diferentes redes.

A estrutura geral dessas redes pode ser centralizada, descentralizada e distribuída. Na rede centralizada a maior parte das conexões interage com um único nó, e a rede descentralizada possui vários centros que interagem com vários pontos. A rede distribuída é aquela em que seus nós têm quantidade de conexões similares. Outras características podem ser identificadas a respeito da estrutura de uma rede e dos sub-grupos nela contidos a partir da análise do fluxo de informação, como a sua densidade e alcançabilidade (*reachability*), as cliques, etc. (HAYTHORNTHWAITE, 2010). Os limites de uma rede são estabelecidos por critérios específicos e de acordo com os objetivos do estudo, conforme salientam Marteleto e Tomael (2005, p.89). Uma organização formal, um departamento, um clube ou um grupo de parentes podem ser definidos como uma rede, conforme as características do estudo.

Por último, na rede ou comunidade sem escala – “*the rich get richer*” – os ricos ficam mais ricos, ou seja, quanto mais conexões um indivíduo (um nó) possui maiores são as chances dele ter novas conexões” (RECUERO, 2009, p.67). Ainda segundo autora, “essas topologias são interessantes para o estudo de vários elementos das redes sociais, tais como os processos de difusão de informações” (Ibidem, 2009, p.54).

A investigação visando o dimensionamento do fluxo e dos recursos de informação que fluem em uma rede é um dos aspectos destacados nas análises. Marteleto e Tomael (2005, p.88) abordam essa questão de como “relações que se referem aos recursos de informação que são trocados na rede e as ligações. Também chamada de laço ou vínculo, conecta um par de atores por uma ou mais relações”.

Concluindo, pode-se afirmar que comunidades e redes sociais são conceitos paralelos, que fazem parte do dia a dia dos indivíduos, que estabelecem conexões, laços sociais e formam o seu capital social.

1 | COMUNIDADES VIRTUAIS E REDES SOCIAIS NA INTERNET

A seguir, apresentamos alguns conceitos sobre comunidades virtuais e redes sociais na Internet, que por se tratarem de meios que utilizam recursos via internet, consolidam as comunidades ou redes sociais sem base local.

Um dos primeiros autores a utilizar a expressão comunidades virtuais foi Howard Rheingold, em 1996. Assim sendo, é importante ressaltar a sua afirmação de que “através

do advento da Comunicação Mediada por Computador e sua influência na sociedade e na vida cotidiana as pessoas estariam buscando novas formas de conectar-se, estabelecer relações e formar comunidades” (RHEINGOLD, 1996, p.17). Complementa ainda este autor que “a tecnologia que torna possível a existência de comunidades virtuais pode aumentar consideravelmente o ascendente do cidadão comum a um custo relativamente baixo: ascendente intelectual, social, comercial e sobretudo ascendente político”.

Esse processo aconteceu quando surgiram as primeiras redes de computadores no mundo - a *Unix User Network* (Usenet)⁸ e o *Bulletion Board System* (BBS)⁹. Esses são alguns exemplos mostrando que, desde os seus primórdios, a comunicação por computador propicia a formação de redes virtuais. Castells (2003, p. 46) corrobora com esta ideia afirmando que “os primeiros usuários de redes de computadores criaram comunidades virtuais e essas comunidades foram fontes de valores que moldaram comportamento e organização social”.

A chegada da Internet e a comunicação mediada pelo computador, realmente, veio a acelerar o processo de transição entre as chamadas comunidades de base local para as comunidades sem referência territorial, que são as redes sociais virtuais. De qualquer forma, conforme mencionamos no início desse texto, esse processo já estava em curso, com os avanços tecnológicos e as mudanças sociais da modernidade. A Internet, entretanto, propicia novos padrões de comportamento. Castells explica que:

O termo “comunidade virtual” foi associado ao surgimento de novos padrões de interação social ocasionados, principalmente, pela Internet. Entretanto, ao mesmo tempo, ressalta, também, o equívoco ocasionado pelo termo: misturou diferentes relações sociais e estimulou a discussão nostálgica que se inspirava no antigo conceito de comunidade e os defensores da comunidade de escolha proporcionada pela Rede.(CASTELLS, 2003, p.98).

Com a expansão da Internet, as comunidades virtuais também cresceram. Na visão de Castells (2003, p. 48), “à medida que as comunidades virtuais se expandiram em tamanho e alcance suas conexões originais com a contracultura enfraqueceram”. Nesse sentido, ressaltamos que, de acordo com autor, o que aconteceu com as comunidades virtuais em relação a tamanho e alcance vem a ser o mesmo que acontece hoje com as comunidades de práticas, quando mudam de tamanho e perdem suas características originais.

Redes Sociais na Internet ganharam novas dimensões, com a multiplicidade de interações apoiadas pela tecnologia, possibilitando, inclusive, o surgimento de novos atores, conforme sinalizam Recuero (2009) e Haythorntwaite (2010). Um exemplo de novo ator em Redes Sociais na Internet seria o ‘blogueiro’, identificado pelos demais indivíduos através do *link* para o seu *blog*; uma escola pode ser um ator na rede de instituições de ensino e uma

8 Usenet é uma das mais antigas redes de comunicação por computador ainda em uso generalizado e foi desenvolvida há mais de uma década antes da *World Wide Web* ter sido desenvolvida e o acesso público à Internet ter sido disponibilizado.

9 BBS é um sistema informatizado que permite a ligação (conexão) via telefone a um sistema através do seu computador e interagir com ele, tal como hoje se faz com a Internet.

empresa pode ser um ator em uma rede de indústrias.

Em relação à topologia das redes, a tecnologia também veio a facilitar o seu dimensionamento a partir de recursos estatísticos e *software* de análise de redes como o Ucinet (2011). É o caso de tipos de abordagens à rede, como da Rede centrada no Ego ou Rede Pessoal, que Recuero (2009, p.70) define como “aquela que parte de um nó determinado e, a partir das conexões deste (...) a rede é traçada.” Em perspectiva similar é possível identificar subgrupos nas redes, ou *clusters*, assim como diversas outras características da rede com o recurso dos softwares desenvolvidos com essa finalidade.

As estruturas organizacionais sofrem mutações permanentemente, devido a mudanças que ocorrem em vários fatores, como, por exemplo, alterações nas rotinas de trabalho; entrada de novos produtos e/ou descontinuidade de produtos ultrapassados; entrada e/ou saída de novos atores. Uma rede social também passa por todas essas mudanças, seja ela o resultado de interações físicas entre as pessoas, seja ela uma representação das interações virtuais.

Os avanços tecnológicos que propiciaram o desenvolvimento das redes virtuais contribuíram também para mudanças do comportamento nas organizações, facilitando a colaboração e minimizando a rigidez inerente à estrutura hierárquica que as caracteriza. Isso facilita o processo de adaptação às constantes mutações características da contemporaneidade. A respeito de benefícios da atuação em rede Marteleto (2001, p. 72) afirma que “nas redes sociais há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas”. Ela ainda afirma que “hoje o trabalho informal em rede é uma forma de organização humana presente em nossa vida cotidiana e nos mais diferentes níveis de estrutura das instituições modernas” (MARTELETO, 2001, p.72).

As redes são formadas com diversos objetivos e estão estruturadas de acordo com as suas finalidades. Nas redes formadas nas organizações, de uma maneira geral, a tendência é de que a informação circule de modo descentralizado. Lundvall ¹⁰ (2006, p.10, tradução nossa) complementa que “a crescente emergência de redes baseadas em conhecimento nas empresas, entre grupos de pesquisa e entre *experts*, pode ser considerado como uma expressão de crescente importância do conhecimento, o qual tende a utilizar mais códigos locais do que universais”.

De uma maneira geral, as redes sociais normalmente se organizam em torno de objetivos a serem alcançados, visando uma determinada aplicação. Cross e Parker (2004) mencionam alguns deles, como apoio a parcerias, avaliação de estratégias, aprimoramento de tomadas de decisão e promoção da integração em processos de mudança.

Concluímos este item afirmando que as comunidades virtuais foram as precursoras de um movimento hoje disseminado, característico da sociedade do conhecimento e centrado na valorização do compartilhamento das informações. Castells (2003, p. 48) destaca, além

¹⁰ The increasing emergence of knowledge-based networks of firms, research groups and experts may be regarded as an expression of the growing importance of knowledge that is codified in local rather than universal codes.

disso, a contribuição das redes para a liberdade de expressão ao afirmar que “a prática das comunidades virtuais sintetiza a prática da livre expressão global, numa era dominada por conglomerados de mídia e burocracias governamentais censoras”.

21 COMUNIDADES DE PRÁTICAS NA INTERNET/REDES SOCIAIS CORPORATIVAS

Esse item tem por objetivo apresentar alguns conceitos sobre comunidades de práticas na Internet, assim como abordar o quanto é importante planejar uma comunidade de prática/redes sociais corporativas; como cultivar uma comunidade de prática para que ela se mantenha ativa e o quanto as comunidades de práticas são importantes para gestão de conhecimento

O termo comunidades de práticas vem da teoria de aprendizagem e foi criado por Etienne Wenger em conjunto com Jean Lave em 1991, ao conceberem-no como um modelo de aprendizagem, apesar de alguns cientistas sociais utilizarem outras versões sobre a sua origem. Elas recebem várias denominações, como por exemplo, comunidades virtuais - conforme já abordado no item anterior deste texto, redes de aprendizagem, redes de colaboração e grupos/redes temáticas. Elas normalmente se organizam em torno de objetivos a serem alcançados.

Antes de abordar o tema das Comunidades de Práticas, considera-se importante descrever sobre Práticas, tendo em vista a importância deste conceito no contexto das comunidades de práticas.

Wenger¹¹, corroborando as ideias da pesquisadora Jean Lave, destaca o aspecto social do conceito de prática:

O conceito de prática refere-se a um fazer [...] mas um fazer num contexto histórico e social que dá estrutura e significado ao que se faz. Neste sentido, prática é sempre prática social [...]. O conceito de prática enfatiza o caráter social e negociado tanto do conhecimento explícito quanto do conhecimento tácito nas nossas vidas. (WENGER, 1998, p.47, tradução nossa).

Nonaka e Takeuchi abordam o tema da prática, a partir de um exemplo que aconteceu em Osaka, no Japão, em determinada região que se produzia o melhor pão. Essa é uma habilidade manual e, para que fosse mecanizada, o padeiro-chefe do Osaka Internacional Hotel socializou o seu conhecimento tácito propiciando observação, imitação e prática. Como a socialização é um processo de compartilhamento, Nonaka e Takeuchi (1997, p.69) afirmam que em situações como essa “os aprendizes trabalham com seus mestres e aprendem sua arte não através da linguagem, mas, sim, através da observação e prática”.

Ao associar prática a uma comunidade Wenger¹² (1998, p.152, tradução nossa)

11 The concept of practice refers to do [...] but do in a historical and social context that gives structure and meaning to what you do. In this sense, practice is always social practice. [...]. The concept of practice emphasizes the social and negotiated both the explicit and the tacit knowledge or ours lives.

12 Practice defines a community through three dimensions: mutual engagement, a joint enterprise and a shared repertoire.

argumenta que “a prática define uma comunidade através de três dimensões: engajamento mútuo, uma empresa mista e um repertório partilhado”.

Para um melhor entendimento sobre comunidades de práticas é importante conhecer o que o pesquisador André Lemos descreve sobre as comunidades existentes no ciberespaço e que, com isso, será possível constatar que a agregação eletrônica pode ou não assumir uma dimensão comunitária:

Grosso modo podemos dizer que no ciberespaço existem formas de agregação eletrônica de dois tipos: comunitárias e não comunitárias. As primeiras são aquelas onde existe, por parte de seus membros, o sentimento expresso de uma afinidade subjetiva delimitada por um território simbólico, cujo compartilhamento de emoções e troca de experiências pessoais são fundamentais para a coesão do grupo. O segundo tipo refere-se a agregações eletrônicas onde os participantes não se sentem envolvidos, sendo apenas um *locus* de encontro e de compartilhamento de informações e experiências de caráter totalmente efêmero e desterritorializado.(LEMOS, 2002).

Segundo Wenger¹³, todo e qualquer grupo do qual fazemos parte são comunidades de práticas.

Todos nós pertencemos à comunidade de prática. Em casa, no trabalho, na escola, nos nossos *hobbies* – nós pertencemos a várias comunidades de prática em um determinado momento. E as comunidades de prática a que nós pertencemos mudam ao longo de nossas vidas. De fato, as comunidades de prática estão em toda parte.(WENGER, 1998, p. 16, tradução nossa).

A partir dessa reflexão podemos definir comunidades de práticas através de Wenger¹⁴(2012), tradução nossa) que afirma que são “grupos de pessoas que compartilham uma preocupação ou uma paixão por algo que eles fazem e aprendem a fazê-lo melhor à medida que interagem regularmente” e, de acordo com Gertler¹⁵ (2001, p.11, tradução nossa), “comunidades de prática são definidas como grupos de trabalhadores informais ligados por uma experiência compartilhada, *expertise* e compromisso com um empreendimento comum”. Primo (2005, p.2) complementa: “sugere-se um ambiente de total cooperação, em que se desenvolve o sentimento de pertença, promovendo a preocupação com o bem-estar do grupo, que em troca proporcionará a todos uma desinteressada receptividade e um confortável sentimento de segurança”.

O Quadro 2 apresenta o que caracteriza as comunidades de prática em comparação com outros tipos de grupos que se reúnem para desenvolver uma determinada atividade na perspectiva de Wenger e Snyder¹⁶ (2001, p.15, tradução nossa):

13 We all belong to communities of practice. At home, at work, at school, in our hobbies – we belong to several communities of practice at any given time. And the communities of practice to which we belong change over the course of our lives. In fact, communities of practice are everywhere.

14 groups of people who share a concern or a passion for something they do and learn how to do it better as they interact regularly.

15 Communities of practice are defined as groups of workers informally bound together by shared experience, expertise and commitment to a joint enterprise.

16 Group; what is the purpose? Who is involved? What they have in common? How long do they last?

Communities of Practice: developing the skills of the participants, generate and share knowledge; participants who are

Grupo	Qual o objetivo?	Quem participa?	O que eles têm em comum?	Quanto tempo duram?
Comunidade de prática	Desenvolver as competências dos participantes; gerar e trocar conhecimentos	Participantes se autosselecionam e integrantes avaliam o propósito do associado pretendente.	Paixão, compromisso e identificação com os conhecimentos especializados do grupo.	Enquanto houver interesse em manter o grupo.
Grupo de trabalho formal	Desenvolver um produto ou prestar um serviço.	Qualquer um que se apresente ao gerente do grupo.	Requisitos do trabalho e metas comuns.	Até a próxima reorganização
Equipe de projeto	Realizar determinada tarefa.	Empregados escolhidos por gerentes seniors.	As metas e pontos-chave importantes do projeto.	Até o final do projeto.
Rede Informal	Colher e transmitir informações empresariais.	Amigos conhecidos do meio empresarial.	Necessidades mútuas.	Enquanto as pessoas tiverem um motivo para ficar em contato.

Quadro 2: Características de uma comunidade de prática em comparação com outros tipos de agrupamentos.

Fonte: Wenger; Snyder, 2001, p.15.

Uma das diferenças que existe entre comunidades de práticas e os demais grupos é que naquelas, além de desenvolver competências, compartilha-se informação para gerar conhecimento e nos demais grupos o participante está a serviço de fazer o que sabe fazer. Moura (2008, p.332) complementa o que Wenger menciona na tabela ao afirmar que “uma comunidade de prática não é simplesmente uma equipe, porque ela se define pelo domínio de interesse e não por um trabalho a realizar, e também não é uma rede informal porque, além de interesses em comum, ela tem uma identidade própria”.

Um aspecto que não aparece como característica, tanto no grupo de comunidades de práticas quanto nos demais grupos, na classificação de Wenger, é o nível de envolvimento dos seus membros. Primo (2005, p.2, em nota de rodapé) parece ter se dado conta da relevância desse aspecto que também entende-se aqui como requisito em qualquer grupo de trabalho, que pode afetar significativamente o desenvolvimento do grupo. Segundo Primo: “Não raro alguns membros passam apenas a usufruir dos bens comuns oferecidos no grupo

self-selected (and members who evaluate the suitability of the applicant associated); passion, commitment and identification with expertise of the group; while there is interest in keeping the group.

Formal working group: develop a product or provide a service; anyone who reports to group manager; Jobs requirements and goals; until the next reorganization; Project team: perform a certain task; employees selected by senior managers; the goals and key points of the project; by the end of the Project.

Informal network: collect and transmit business information; friends of the business known; mutual needs; while people have a reason to stay in touch.

sem oferecer nada em troca (o que pode desmotivar a oferta compartilhada e mesmo destruir a comunidade”).

Ainda em relação à tabela apresentada por Wenger, observa-se nas comunidades de práticas, no campo “o que se têm em comum”, paixão, compromisso e identificação entre os seus membros que se destacam e que as distinguem dos demais grupos. Sobre as razões da participação em uma comunidade de prática, Wenger¹⁷ (2002, p.57, tradução nossa) considera que “as pessoas participam nas comunidades por razões diferentes – algumas porque a comunidade traz para elas alguma vantagem específica, outras visam obter contatos pessoais, e outras ainda buscam na comunidade uma oportunidade de melhorar suas habilidades”.

A identificação entre os membros de uma comunidade de prática leva-os a aprender, a agir e a fazer, em função da participação em grupo e pela intensidade da comunidade. Em função disso, Wenger¹⁸ (1998, p.152, tradução nossa) afirma que: “em uma comunidade de prática, aprendemos certas maneiras de nos engajar em atividades com outras pessoas. Nós desenvolvemos certas expectativas sobre como interagir, sobre como as pessoas tratam umas às outras e sobre como trabalhar juntos”.

A estrutura de uma organização com os seus diversos órgãos, a exemplo de diretorias, departamentos e divisões, certamente define aspectos de relacionamento e conexões e, ao associarmos essa estrutura às comunidades de práticas, elas têm uma representação similar em função das várias conexões que faz com outras comunidades e grupos. Nesse sentido, Wenger¹⁹ (2002, p.150, tradução nossa) ressalta que: “comunidades de prática não existem isoladamente. Sua eficácia não é uma questão que diz respeito apenas ao seu desenvolvimento interno, mas também uma questão de quão bem elas se conectam com outras comunidades e grupos”.

Wenger²⁰ (2002, p.115, tradução nossa) denomina comunidade distribuída toda aquela que tem dificuldade de realizar reuniões presenciais em função da localização de seus membros. Ele ressalta que “os membros das grandes comunidades distribuídas têm menos contato, sendo mais difícil de construir a confiança e as relações pessoais”.

Wenger²¹ sugere algumas ações que visam minimizar os problemas relatados, ao comentar sobre o projeto de desenvolvimento de tais comunidades:

Projetando as atividades de desenvolvimento das comunidades distribuídas: atingir o alinhamento das partes interessadas; criar uma estrutura que promova

17 People participate in communities for different reasons – some because the community directly provides value, some for the personal connection, and others for the opportunity to improve their skills.

18 In a community of practice, we learn certain ways of engaging in action with other people. We develop certain expectations about how to interact, how people treat each other, and how to work together.

19 Communities of practice do not exist in isolation. Their effectiveness is not a matter of their internal development alone, but also a matter of how well they connect with other communities and constituencies.

20 Members of large distributed communities have less contact, it is more difficult to build trust and personal relationships.

21 Designing distributed communities - development activities: achieve stakeholder alignment; create a structure that promotes both local variations and global connections; build a rhythm strong enough to maintain community visibility; develop the private space of the community more systematically"

tanto variações locais e conexões globais; construir um ritmo forte o suficiente para manter a visibilidade da comunidade; desenvolver o espaço privado da comunidade de forma mais sistemática [...] (WENGER, 2002, p.123-124, tradução nossa).

A seguir, serão abordados os seguintes tópicos: a importância de planejar uma comunidade de prática; como cultivar uma comunidade de prática; comunidades de práticas e gestão do conhecimento.

A IMPORTÂNCIA DO PLANEJAMENTO DE UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

As comunidades de práticas, além de serem concebidas visando cumprir um determinado objetivo, podem ser estruturadas para funcionarem por um determinado período ou por tempo indeterminado. Principalmente para esse último tipo de rede/comunidade é importante que periodicamente ela seja avaliada, visando identificar o seu desempenho, pois, caso contrário, pode vir a acontecer o mesmo que Forberg²² afirma:

Muitas redes desaparecem como castelos de areia. Os motivos principais provavelmente são: as pessoas têm níveis diferentes de ambição; a química pessoal não funciona; não há nenhuma grande afinidade no grupo; ninguém ousa tomar iniciativa; as pessoas se sentem inseguras; não há nenhum significado no fato de eu participar ou não; as pessoas não entendem a real vantagem por trás delas; as pessoas não têm tempo – outras coisas nos atraem. (FORBERG, 2003, cap.18).

Redes como essa poderiam ser planejadas e estruturadas dentro das premissas básicas, conforme pode ser observado nos próximos parágrafos. De qualquer forma, realizando avaliações periódicas pode ser evitada a sua extinção e os ajustes para o bom funcionamento seriam realizados.

1) Quais tipos de critérios de avaliação são importantes para os atores? Eles exigem dados quantitativos ou um grande relato descritivo seria o suficiente? 2) Qual é a maior proposta da comunidade e seus objetivos? O que lhe foi perguntado para fazer ou o que sugeriu que deveria realizar? 3) Qual é a estratégia de gerenciamento do conhecimento da organização? Qual o endereço da comunidade e o impacto que o gerenciamento do conhecimento foi convidado a entregar? 4) Qual é a estratégia de negócio da organização? Quais são as principais iniciativas em curso que as comunidades podem ser capazes de impactar ou influenciar?

Segundo Bradshaw e outros²³ :

O planejamento em nossa comunidade de prática pode ser descrito como

22 Many networks disappear like sand castles. The main reasons are probably: people have different levels of ambition, the personal chemistry does not work, there is no great affinity group, no one dares to take initiative, people feel insecure, there is no meaning that I participate or not ; people do not really understand the advantage behind it: people do not have time - other things attract us.

23 Planning in our CoP might be described as a process of negotiation and peer review, where intentions are focused and refocused on the key objectives of what is to be achieved, how it is intended to be achieved, and who is going to do what.

um processo de negociação e revisão por pares, quando as intenções são focalizadas e reorientadas para os objetivos-chave a serem alcançados, como devem ser alcançados e quem vai fazer o quê. (BRADSHAN et al. , 2004, p.195, tradução nossa).

Enquanto que Wenger²⁴ (2002, p.14, tradução nossa) reitera a importância do processo de planejamento a ser negociado, mas apresenta a diferença entre uma comunidade de prática e uma empresa - “O processo tem de ser uma negociação. Você não pode agir unilateralmente. Com uma equipe de funcionários, você pode escolher o objetivo, porque você os contratou para cumprir aquele objetivo. Bradshan et al apresentam algumas alternativas que visam a operacionalizar o planejamento de uma comunidade de prática:

Em primeiro lugar, há o nível da comunidade como um todo e isso forma o plano geral do projeto. O detalhe, no entanto, é encontrado nos planos de vários sub-grupos, por exemplo grupos responsáveis pela manutenção e desenvolvimento de comunidades de liderança em escolas, equipes focadas em torno de algum órgão específico e tarefas de longo prazo ou equipes de ação rápida, que são formadas para atingir objetivos específicos por períodos pequenos.” (BRADSHAN et al ²⁵, 2004, p.196, tradução nossa).

Essas alternativas precisam ser bem especificadas, receber tratamento adequado e, de acordo com os objetivos de cada subgrupo que pertence à comunidade, ter foco nas ações de longo e curto prazo. Essas ações têm possibilidade de serem implementadas, quando a comunidade tem potencial. Em função disso, de acordo com Wenger²⁶ (2002, p.54, tradução nossa), o “projeto de uma boa comunidade requer uma compreensão do potencial da comunidade para desenvolver e administrar o conhecimento, mas que muitas vezes leva em consideração uma perspectiva de fora para ajudar os membros a verem as possibilidades”.

COMO CULTIVAR UMA COMUNIDADE DE PRÁTICA

O tempo de duração de uma comunidade de prática pode ser estimado por aquele membro que a criou. Para isso, é necessário se fazer planejamento dentro das premissas existentes e executá-lo mas, ainda assim, essa previsão pode falhar. Partindo dessa premissa, Wenger²⁷ faz uma reflexão sobre a duração de uma comunidade de prática:

O desenvolvimento da prática leva tempo, mas o tempo de vida de

24 The process has to be one of negotiation. You cannot act unilaterally. With a team of employees you can choose the goal, because you hired them to meet that goal.

25 Firstly, there is the level of the whole community and this forms the overall project plan. The detail, however, is found in the plans of various sub-groups, for example groups responsible for maintenance and development of school leadership communities, teams focused on specific medium and long-term tasks and rapid action teams (RATs), who are formed to achieve specific goals in shorttime periods.

26 Good community design requires an understanding of the community’s potential to develop and steward knowledge, but it often takes an outside perspective to help members see the possibilities.

27 The development of practice takes time, but the life span of communities of practice varies widely. Some exist over centuries – for example, communities of artisans, such as violin makers, who pass their craft from generation to generation. Many are shorter-lived but still last a good number of years – a group of COBOL programmers, for instance, might be such a community.

comunidades de prática varia muito. Algumas perduram ao longo dos séculos - por exemplo, comunidades de artesãos, como a de *luthiers*, que passam seu ofício de geração em geração. Muitas são de vida mais curta, mas ainda duram um bom número de anos, como é o caso, por exemplo, da comunidade de programadores COBOL. (WENGER, 2002, p.25, tradução nossa).

Um ponto importante para manutenção de uma comunidade de prática é que, na fase de planejamento, uma das ações que deve ser pensada é o processo de capacitação, envolvendo, inclusive, a sensibilização, independentemente do porte da comunidade.

Todos os membros da comunidade devem passar por esse processo de capacitação e em nível de maior profundidade o seu moderador, que tem o papel de incentivar a comunidade. Em função disso, Wenger²⁸ considera que:

Comunidades geralmente precisam de treinamento e suporte metodológico para alcançar seu pleno potencial. A maioria das organizações que lançaram uma iniciativa de conhecimento estratégico entenderam que elas precisam construir capacidade interna para construir e manter as comunidades. (WENGER, 2002, p.207, tradução nossa).

As comunidades de práticas funcionam como todo e qualquer ser vivo, ou seja, elas nascem, crescem, chegam à maturidade e depois morrem. A partir dessa reflexão, Wenger²⁹ (2002, p.68, tradução nossa) pondera que, “como outros seres vivos, as comunidades não nascem em seu estado final, mas passam por um ciclo natural de nascimento, crescimento e morte”.

Esse processo de capacitação e reciclagem tem de ser permanente, mesmo quando se constata que a comunidade alcançou o seu nível de maturidade. Nesse sentido, Wenger³⁰ (2002, p.96, tradução nossa) sinaliza que “podemos ser moderados ao pensar que a maturidade é um momento de estabilidade, mas as comunidades, como as pessoas, mudam e crescem durante a sua maturidade tanto quanto durante sua formação”.

Essa mesma preocupação deve existir com o crescimento da comunidade, pois geram fatores positivos e negativos. Em função disso, Wenger³¹ (2002, p.98, tradução nossa) afirma que “crescimento pode multiplicar relacionamentos e tornar a comunidade mais emocionante, mas o sucesso em número de membros pode ser uma bênção ambígua. Quando uma comunidade cresce rapidamente, muitas vezes ela muda de tom”. Ainda sobre crescimento da comunidade, ele complementa que “as comunidades crescem e mudam durante as suas vidas; elas continuam precisando de apoio. Se a paixão dos membros do núcleo é forte o suficiente, as comunidades podem, é claro, sustentar-se com essa energia”³² (Ibidem, 2002,

28 Communities generally need coaching and methodological support to reach their full potential. Most organizations that have launched a strategic knowledge initiative understand that they will need and internal capability to build and sustain communities.

29 Like other living things, communities are not born in their final state, but go through a natural cycle of birth, growth, and death.

30 We may be tempted to think that maturity is a time of stability, but communities, like people, change and grow during their maturity as much as they do during their formation.

31 Growth can multiply relationships and make the community more exciting, but success in number of members can be a mixed blessing. When a community grows rapidly, it often shifts tone.

32 Communities grow and change throughout their lives, they continue to need support. If the passion of the core mem-

p.98, tradução nossa).

Conforme Wenger ³³ sugere abaixo, alguns princípios podem facilitar o processo de equilíbrio de uma comunidade de prática:

A partir de nossa experiência derivamos sete princípios; ter projeto para a evolução; abrir um diálogo entre as perspectivas dentro e fora da comunidade; sugerir diferentes níveis de participação; desenvolver tanto espaços comunitários públicos e quanto privados; focalizar em valor; combinar familiaridade e vibração; criar um ritmo para o comunidade.(WENGER, 2002, p.51, tradução nossa).

COMUNIDADES DE PRÁTICAS E GESTÃO DO CONHECIMENTO

Os esforços das organizações para tratar gestão do conhecimento inicialmente estavam centrados nos sistemas de informação, mas os resultados não foram satisfatórios e, através das comunidades de práticas, foi possível ter uma nova abordagem, centrada nas pessoas e nas estruturas sociais, permitindo a todos aprenderem com todos.

As comunidades de práticas se tornaram um instrumento imprescindível para gestão do conhecimento, pois, através delas, é possível compartilhar com os membros as lições aprendidas, que compreendem as melhores e piores práticas. Segundo Teixeira Filho (2002, p.20), “profissionais de uma área específica passaram a ter a oportunidade de trocar informações relevantes para o seu dia a dia sobre as melhores práticas e a forma como estruturam seus processos, além de compartilharem soluções para os seus problemas mais comuns”.

Nas organizações, a implementação da gestão do conhecimento, uma das iniciativas que deve ser considerada, é o compartilhamento das lições aprendidas, que “podem ser transformadas em políticas para comunidades virtuais e gestão do conhecimento, aplicáveis às organizações que estejam iniciando seus projetos” (Ibidem, 2002, p.20).

Fontaine e Millen³⁴ (2002) relataram que, para apoiar o compartilhamento de conhecimentos nas comunidades, as organizações estão, cada vez mais, oferecendo os seguintes recursos: pessoas para preencher papéis e gerenciar as atividades da comunidade; atividades para agregar a comunidade em reuniões e eventos; tecnologia para facilitar o fluxo de conhecimento e informações entre atividades; conteúdo para gerenciar e compartilhar o conhecimento explícito que a comunidade cria.

Como afirma Teixeira Filho (2002, p.67), “Conhecimento tácito, inovação e comunidades

bers is strong enough, communities can, of course, sustain themselves with that energy.

33 From our experience we have derived seven principles: design for evolution; open a dialogue between inside and outside perspectives; invite different levels of participation; develop both public and private community spaces; focus on value; combine familiarity and excitement; create a rhythm for the community.

34 Fontaine and Millen (2002) reported that to support the sharing of knowledge in communities, organizations are increasingly providing the following resources: People: to fill certain community roles and manage the community's activities; Activities: to bring the community together in meetings and events; Technology: to facilitate the flow of knowledge and information between activities; Content: to manage and share the explicit knowledge that the community creates.

de práticas estão muito interligados. E a inovação é parte da estratégia competitiva central de muitas empresas numa sociedade pós-industrial”. Podemos compreender, com base neste autor, que uma das formas de tornar explícitos³⁵ os conhecimentos tácitos³⁶ é através das comunidades de práticas, mapeando os conhecimentos, competências e habilidades dos indivíduos, visando identificar competências essenciais e específicas; identificar os talentos e promover o seu desenvolvimento. Para que um processo dessa natureza obtenha sucesso, é importante que os membros dessas comunidades participem de forma efetiva.

Para que essa relação entre conhecimentos tácitos e conhecimentos explícitos se materialize, Sfez (2000, p.249) afirma que a comunidade de prática deve ser uma “[...] cooperativa de conhecimento e instrumento de convivialidade e de sonho a serviço da descentralização e da comunidade”

A resistência em tornar explícito o que existe de tácito nas atividades e tarefas consideradas essenciais de uma organização, e que estão em poder de alguns funcionários, é muito comum. Entretanto, quando existe um projeto bem planejado para organização nesse sentido, essa ação pode ser realizada através das comunidades de práticas, que permitem registrar todo conhecimento tácito de tal forma que os funcionários não se sintam pressionados, pois isso acontece naturalmente. Segundo Wenger³⁷ (2002, p.9, tradução nossa), “Comunidades de prática estão em melhor posição para codificar o conhecimento porque elas podem combinar seus aspectos tácitos e explícitos”.

Em contrapartida, a afirmação a seguir vem de encontro ao que pensamos e ao que os autores acima defendem. Segundo Martin e outros³⁸ (2002, p.27, tradução nossa), “Conhecimento tácito não pode sempre ser articulado, e se o conhecimento tácito não pode ser articulado, então não pode ser explicitado”.

3 I RECURSOS DE INTERAÇÃO E PROCESSO DE APRENDIZAGEM

Este item tem por objetivo apresentar os elementos fundamentais para que as comunidades de práticas cumpram o seu papel principal, que é o de compartilhamento de informações.

Mesmo antes do fenômeno da Internet, a mediação e interação estiveram associadas ao processo de aprendizagem. Jeanneret (2009, p.27) faz uma associação da mediação com “um texto, uma figura, uma interface de recuperação de informação, por exemplo, geral representação, isto é, fornece uma mediação à nossa experiência”. Já Johnson dá destaque à ideia de interface que, no caso citado, faz o papel de mediação e de interação:

A palavra interface, em seu sentido mais simples, se refere aos *softwares* que

35 Definição do autor: toda informação registrada, possível de ser acessada e transformada em conhecimento.

36 Definição do autor: toda informação não registrada e intangível, normalmente de domínio de uma pessoa.

37 Communities of practice are in the Best position to codify knowledge, because they can combine its tacit and explicit aspects.

38 Tacit knowledge cannot always be articulated, and if tacit knowledge cannot be articulated, then it cannot be made explicit.

dão forma à interação entre usuários e computador. A interface atua como uma espécie de tradutor, mediando entre as duas partes, tornando uma sensível para outra. Em outras palavras, a relação governada pela interface é uma relação semântica, caracterizada por significado e expressão. (JOHNSON, 2001, p.17).

Conforme mencionado no início deste texto, com a chegada da Internet até 2004, a comunicação *on-line* somente era possível do humano com o computador e vice-versa e não entre humanos. Portanto, nesse período, o que podia acontecer era a interatividade e não interação. Assim, entendemos que interatividade, segundo LEMOS (1999, “[...] é nada mais que uma nova forma de interação técnica, de característica eletrônico-digital [...] uma ação dialógica entre o homem e técnica”.

Nesse período, tornou-se uma tendência os treinamentos via Internet, nos moldes dos treinamentos presenciais e o *Computer Basic Training* (CBT) – treinamento baseado no computador, cuja relação é de um para muitos.

O treinamento que visa cumprir com um modelo específico no processo de aprendizagem é definido por Oliveira e Villardi conforme segue:

[...] como um conjunto de atividades programadas e aplicadas por estratégias de condicionamento e reforço onde os conteúdos significativos predeterminados são transmitidos por meio de instruções programadas, em métodos instrucionais, objetivando moldar e condicionar as reações do aprendiz. (OLIVEIRA; VILLARDI, 2005, p.76).

Como em toda mudança de paradigma, já era possível conhecer a capacidade do indivíduo de se adequar a essa nova realidade. Em função disso, segundo a perspectiva de Oliveira (2007), “o ser humano é um sujeito ativo na construção do conhecimento, porque é capaz de interagir com o objeto e, em função dessa ação, transformar a si mesmo. Assim, assimilar o objeto significa adaptar-se ao meio”.

Com a chegada da Internet na sua versão Web 2.0 os recursos de interação disponíveis intensificaram o processo de aprendizagem e a construção coletiva do conhecimento, quando comparado, por exemplo, com a aprendizagem tradicional via material impresso, CD-Rom e o CBT.

A diferença desses dois cenários (Web 2.1 e Web 2.0) é que na Web 2.0 os recursos disponíveis facilitam o processo de aprendizado coletivo a partir de uma relação de muitos para muitos e não necessariamente em um mesmo espaço físico. De acordo com Villardi (2005, p.83), “a incorporação de Ferramentas de Interação (FIS) em ambientes virtuais de aprendizagem transformam-se, desta feita, num mecanismo fundamental na construção de propostas educacionais”. Sob outra perspectiva, Castells (2008), apresenta “a hipótese de que a virtualidade se torna real na medida em que sujeitos interagem, ou seja, à proporção que ocorram mudanças e transformações em seu comportamento”.

Tanto a interação quanto a interatividade via Internet podem acontecer de forma simultânea via recursos síncronos ou, em momentos diferentes, via recursos assíncronos e

foram concebidos através dos vários *softwares* existentes, que visam cumprir esse objetivo. Esses recursos possibilitam a construção da aprendizagem e o seu compartilhamento, levando a uma maior socialização e ao aumento do capital social.

Os recursos síncronos são aqueles que permitem a todos os envolvidos compartilharem informações simultaneamente, como, por exemplo, as salas de trabalho em grupo e as salas de bate-papo (*chats*). Os recursos assíncronos são aqueles que permitem a todos os envolvidos compartilharem informações, mas necessariamente ao mesmo tempo, como, por exemplo, as listas de discussão e fóruns de discussões.

Esse compartilhamento de informações síncrono e assíncrono é nada mais que a interação acontecendo em momentos diferentes. Oliveira e Villardi (2005, p.101) argumentam que essa “[...] interação deriva, duplamente, da constituição de um ambiente propício para e de uma predisposição dos atores envolvidos para um diálogo no âmbito do qual seja possível a afetação múltipla” e RECUERO (2009, p.30) que “a interação seria a matéria-prima das relações e dos laços sociais”. Primo (2007, p.149) complementa essas ideias ao afirmar que existem outros tipos de interação – mútua e reativa. “Enquanto as interações mútuas se desenvolvem em virtude da negociação relacional durante o processo, as interações reativas dependem da previsibilidade e da automatização nas trocas”.

Um exemplo de interação mútua são as trocas de interesses comuns em fóruns de uma comunidade de prática. Já a interação reativa é estabelecida por trocas que o indivíduo faz com o computador, como, por exemplo, em um treinamento, utilizando os exercícios programados em um curso a distância via Internet, um recurso bastante utilizado durante o período da Web 2.1.

Outra forma de interação que também leva a um processo de aprendizagem pode ser via *blog*, “por se tratar de uma interação construída, negociada e criativa.” (RECUERO, 2009, p.33). Esse modelo pode ser comparado à dinâmica concebida para os fóruns de discussão.

Convém destacar que a interação existente entre os atores participantes de uma comunidade nem sempre é de cooperação. A competitividade e o conflito também fazem parte do processo. De acordo com Primo (2007, p.120) “na verdade, enquanto se comunicam, os interagentes tanto competem quanto cooperam entre si”. Ele afirma ainda que “[...] cooperação e conflito não se opõem. Pode-se até sentenciar que interagir é, pelo contrário, estar em conflito” (Ibidem, 2007, p.198).

Primo (2007, p.199), ao estudar Simmel, conclui que a competição se faz necessária, pois “é um tipo indireto de conflito em que não se visa a destruição do oponente, ou seja, se um competidor se livra de seu adversário ele não poderá mais competir”. De qualquer forma, é importante ressaltar que “na organização da comunidade virtual é necessário que exista uma predominância de interações cooperativas, no sentido de gerar e manter sua estrutura de comunidade” (RECUERO, 2005, p.13).

Numa comunidade de prática os processos de interação e interatividade são partes integrantes, independentemente do seu objetivo. Em função disso, se interação

gera compartilhamento, então existe aprendizagem e aquisição de novas competências. A partir dessa reflexão podemos associar a afirmação de Wenger³⁹ (1998, p.214, tradução nossa) de que “em comunidades de prática a definição de competência e de produção de experiência estão em interação muito próxima”. Sendo assim, podemos dizer que em todas as comunidades de práticas existe ou deveria existir um processo de aprendizagem. Para Forberg ⁴⁰ (2003, cap. 12, tradução nossa): “Uma rede de aprendizagem é exatamente o que as palavras expressam, um grupo de pessoas que aprendem juntas para desenvolver diferentes soluções para problemas e possibilidades”.

Martin e outros⁴¹ (2004, p.27, tradução nossa) complementam: “uma comunidade de prática é construída sobre a aprendizagem coletiva durante um período de tempo, o que resulta nas práticas e relações sociais que refletem a experiência da comunidade”

Dando destaque à íntima relação entre processo de interação e o processo de aprendizagem, Abreu (2007, p.37) afirma: “o processo de aprendizagem é realizado de forma contínua, no qual o conhecimento é construído e reconstruído constantemente em um espaço que prioriza a interação, o diálogo, a problematização”.

O estudo do modelo de aprendizagem em uma comunidade de prática, da qual a interação é função fundamental, foi proposto primeiramente pela pesquisadora Jean Lave e Etienne Wenger e denominado de aprendizagem situada. Segundo Santos:

Poderemos dizer que o sentido mais vulgarizado ao conceito situado nos leva imediatamente a associá-lo ao conceito de 'localizado', quer no espaço como no tempo. É algo situado geograficamente, que ocupa um espaço físico próprio com fronteiras razoavelmente bem definidas para que seja possível dizer o mais exatamente como o alcançar.(SANTOS, 2004, p.13).

Jean Lave ⁴²(1993b, p.66, tradução nossa) propõe três grandes categorias de abordagens situadas “a visão cognitivista, a posição interpretativa e a visão da prática social situada. Na visão cognitivista, reconhece-se que as pessoas processam, representam, memorizam na relação de uns com os outros e enquanto localizados num mundo social” e apresenta, como uma síntese, alguns aspectos essenciais da aprendizagem situada⁴³:

A aprendizagem é uma propriedade emergente da participação legítima periférica das pessoas em comunidades de prática; a aprendizagem não é totalmente subjetiva, nem completamente circunscrita às interações sociais; aprendizagem é um fenômeno social constituído no mundo vivido e, portanto, não

39 In communities of practice, the definition of competence and the production of experience are in very close interaction.
40 A learning network is exactly what the words express a group of people learning together to develop solutions to different problems and possibilities.

41 A communities of practice is built on collective learning over a period of time, which results in practices and social relations that reflect the expertise of the community.

42 The cognitive vision, the vision of interpretive position and situated social practice. In the cognitive view, it is recognized that “people process, are memorized in relationship with each other and while located in a social world”.

43 Learning is an emergent property of legitimate peripheral participation of people in communities of practice overall; learning is not entirely subjective nor completely encircled by the social interactions; learning is a social phenomenon constituted in the world lived, therefore, not separated from the social world of which it is a party; learning is a process of becoming a member of a community of sustained practice, not a process of socially shared cognition that results in the end, the internalization of knowledge by individuals; learn and fail to learn are aspects of the same socio-historical processes.

separado do mundo social do qual é parte; a aprendizagem é um processo de se tornar membro de uma comunidade de prática sustentada, não um processo de cognição socialmente partilhada que resulta, no final, na internalização de conhecimento pelos indivíduos; aprender e falhar no aprendizado são aspectos dos mesmos processos sócio-históricos.(LAVE, 1993 b, p.65, tradução nossa).

REFERÊNCIAS

ABREU, Diana dos Santos. **O uso das ferramentas de interação em ambientes virtuais de aprendizagem.** Um estudo comparativo. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Políticas Públicas e Formação Humana) – PPFH, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

BRADSHAW, Pete; POWELL, Stephen; TERREL, Ian. Building a community of practice: technological and social implications for a distributed team. In: HILDRETH, Paul; KIMBLE, Chris (Org). **Knowledge networks. innovation through communities of practice.** USA: Idea Group Publishing, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A galáxia da internet. Reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **A sociedade em rede.** São Paulo: Paz e Terra, 2008.

CAVALCANTI, Marcos; NEPOMUCENO, Carlos. **O conhecimento em rede. Como implantar projetos de inteligência coletiva.** Rio de Janeiro: Campus, 2007.

CROSS, R.L.; PARKER, A. **The hidden power of networks: understanding how really gets done in organizations.** EUA: Harvard Business School Press, 2004.

FONTAINE, Michael A.; MILLEN, David R. Understanding the benefits and impact of communities of practice. In: HILDRETH, Paul; KIMBLE, Chris (Org). **Knowledge networks. Innovation through communities of practice.** USA: Idea Group Publishing, 2004.

FORBERG, Lucia. **Id'ebok for nätverkare (Idéias para um Criador de Redes).** Goteborg: KKIKK utveckling, 2003.

FUCHS, Christian. Transnational space and the "Network Society". ASSOCIATION OF INTERNET RESEARCHERS (AoIR). Conference. INTERNET RESEARCH 7.0, Brisbane, September 27-30, 2000.

GERTLER, Meric. Tacit knowledge and the economic geography of context or the undefinable tacitness of being (there). NELSON AND WINTER DRUID SUMMER. Conference. AALBORG, Denmark, 12-15 June 2001.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: a network theory revisited. **Sociological Theory**, v. 1, p.201-233, 1983.

HAYTHORNTWAITE, Caroline. Social networks and information transfer. In: THE ENCYCLOPEDIA of Library and Information Science. USA, 2010.

JEANNERET, Yves. A relação entre mediação e uso no campo de pesquisa em informação e comunicação na França. **RECIIS**, v.3, 2009. Disponível em: <<http://reciis.cict.fiocruz.br/index.php/reciis/issue/view/26/>>. Acesso em : 20 maio 2011.

JOHNSON, Steven. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

LAVE, J. Situating learning in communities of practice. In: L. RESNICK, J. Levine; TEALEY, S. (ed.). **Perspectives on socially shared cognition**. Washington D.C: American Psychological Association, 1993b. p.63-82.

LAURINDO, Fernando José Barbin; CARVALHO, Marly Monteiro. *Outsourcing e geração de valor na indústria de computadores pessoais*.(PCs): Estudo de Múltiplos casos. v.10, n.3, p.363-377, dez.2003.

LEMOS, Andre. **Agregações eletrônicas ou comunidades virtuais?**. Publicação do Ciberpesquisa - Centro de Estudos e Pesquisas em Ciberultura. 2002. Disponível em: <http://andrelemos.info/404nOtF0und/404_14.htm>. Acesso em: 15 dez. 2011.

LEMOS, Andre. **Anjos interativos e retribalização do mundo. Sobre interatividade e interfaces digitais**, 1999. Disponível em: <<http://facon.ufba.br/pesq/cyber/lemos/interac.html> >. Acesso em: 12 maio 1999.

LÉVY, Pierre. **A inteligência coletiva** – por uma antropologia do ciberespaço. São Paulo: Loyola, 1994.

LIN, Nan. **A network theory of social capital**. USA: Duke University, Apr. 2005.

LUNDEVALL, Begt-Ake. **The social dimension of the learning the learning economy**. *DRUIDWORKING PAPER* n. 96-1. Fibigerstraede: Aalborg University, Apr. 2006.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. **Ciência da Informação**, Brasília, v.30, n.1, p.71-81, jan./abr. 2001.

MARTELETO, R. M.; TOMAÉL, M. I. A metodologia de análise de redes sociais (ARS). In: VALENTIM, M. L. P. (Org.). **Métodos qualitativos de pesquisa em Ciência da Informação**. São Paulo: Polis, 2005. (cap. 4, p. 81-100).

MARTIN, Varerie A.; HATAKIS, Tally; LYCETT, Mark. Cultivating a community of practice between business and IT. In: HILDRETH, Paul; KIMBLE, Chris(Org). **Knowledge networks. innovation through communities of practice**. USA: Idea Group Publishing, 2004.

MOURA, Guilherme Lima. Somos uma comunidade de Prática?. **Revista de Administração Pública – RAP**. Rio de Janeiro, p.323-346, mar./abr.2008.

NONAKA, I., TAKEUCHI, H. **Teoria da criação do conhecimento organizacional**. Criação de Conhecimento na Empresa. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

OLIVEIRA, Eloiza Gomes; VILLARDI, Raquel. **Tecnologia na educação** – uma perspectiva sócio-interacionista. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2005.

OLIVEIRA, Gleyva Maria S.de. **Contribuições das teorias da cognição e da aprendizagem para a EaD**. Curitiba: NEAD/UFMT, 2007.

O'REILLY, Tim. **What is web 2.0. Design patterns and business models for the next generation of software**. Disponível em: <<http://oreilly.com/web2/archive/what-is-web-20.html>>. Acesso em: 15 jul. 2011.

PRIMO, Alex. **Conflito e cooperação em interações mediadas por computador**. Grupo de trabalho Tecnologias dos Informativos de Comunicação e Sociedade. Rio Grande do Sul: Compós, 2005.

RECUERO, Raquel. Comunidades virtuais em redes sociais na internet: uma proposta de estudo. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação**, Rio Grande do Sul: Compós, v.2, 2005.

_____. Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REDE NACIONAL DE ENSINO E PESQUISA. **História da RNP**. Disponível em: <http://rnp.br/rnp/historico.html>. Acesso em: 10 maio 2011.

RHEINGOLD, Howard. **A comunidade virtual**. Lisboa: Ciência Aberta. Grátis, 1996.

SANTOS, Madalena Pinto. **Encontros e esperas com os Ardinas de Cabo Verde: aprendizagem e participação numa prática social**. Lisboa. Tese (Doutorado em Educação). Departamento de Educação. Faculdade de Ciências. Universidade de Lisboa. Lisboa, 2004.

SFEZ, Lucien. **Crítica da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2000.

TEIXEIRA FILHO, Jayme. **Comunidades virtuais**. Como as comunidades de práticas na Internet estão mudando os negócios. Rio de Janeiro: Ed. SENAC, 2002.

UNICET. Disponível em: <http://www.analytictech.com/ucinet/>. Acesso em: 27 jul. 2011

VILLARDI, R. Tecnologia na educação: uma perspectiva sócio-interacionista. Rio de Janeiro: Dunya, 2005.

WELLMAN, Barry; BOASE, Jeffrey; CHEN, Wenhong. The networked nature of community online and offline. **IT@SOCIETY**, v. 1, n.1, June 2002, Forthcoming. Disponível em: <http://ITatSOCIETY.com>. Acesso em: 10 jan. 2012.

WENGER, Etienne. **Communities of practice: learning, meaning and Identify**. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 1998.

WENGER, Etienne; McDERMOTT, Richard; SNYDER, William M. **Cultivating communities of practice**. A guide to managing knowledge. Cambridge, USA: Cambridge University Press, 2002.

WENGER, E.; SNYDER, W.M. **Comunidades de práticas**: a fronteira organizacional. Aprendizagem Organizacional. Harvard Business Review. Rio de Janeiro: Campus. 2001.

WENGER. E. Communities of practice. A brief introduction. Disponível em: <http://www.ewenger.com>. Acesso em: 10 jan. 2012.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Agronegócio 103, 104, 105, 107, 108

Análise 6, 1, 3, 5, 9, 12, 13, 15, 22, 24, 25, 29, 32, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 44, 45, 49, 51, 52, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 65, 66, 67, 71, 76, 79, 91, 98, 99, 100, 103, 108, 109, 110, 116, 138, 141, 142, 144, 145, 158, 160, 174, 178, 179, 187, 188, 203, 210, 215

B

Biopoder 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 83, 84, 112

Biopolítica 4, 7, 74, 75, 76, 77, 78, 79, 83, 84, 85, 112, 113, 114

C

Censura 7, 2, 3, 96, 122, 188, 194, 195, 197, 198

Ciberdemocracia 4, 7, 86, 87, 88, 96, 98

Ciberespaço 4, 7, 31, 74, 75, 76, 77, 78, 80, 86, 87, 88, 91, 95, 155, 156, 162, 174

Cidadania 7, 56, 57, 67, 71, 72, 78, 85, 136, 137, 138, 139, 140, 145, 181, 182, 184, 187, 218

Compartilhamento 17, 21, 27, 29, 59, 76, 78, 87, 89, 90, 92, 93, 94, 95, 97, 154, 157, 160, 161, 162, 168, 169, 171, 172, 209, 213

Comportamento 11, 67, 97, 159, 160, 170, 179, 181, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 210, 212, 214, 216, 218

Comunidade 6, 39, 46, 47, 77, 78, 85, 88, 95, 114, 116, 139, 140, 143, 144, 156, 157, 158, 159, 161, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 168, 169, 171, 172, 173, 174, 175, 201, 204, 214

Construção 4, 6, 15, 17, 31, 33, 34, 36, 37, 38, 40, 42, 45, 57, 67, 73, 88, 113, 119, 170, 171, 176, 177, 179, 184, 186, 188, 193, 195, 204

Cultura 4, 16, 20, 22, 23, 24, 26, 31, 32, 36, 37, 39, 47, 51, 64, 65, 67, 70, 72, 73, 75, 84, 88, 98, 108, 110, 113, 119, 138, 142, 147, 151, 152, 157, 174, 181, 187, 188, 192, 194, 195, 198, 218

D

Direitos 6, 40, 46, 50, 56, 57, 64, 67, 69, 70, 71, 72, 75, 98, 102, 137, 182, 183, 185, 187, 218

Discurso 3, 31, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 42, 43, 44, 45, 52, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 67, 70, 81, 84, 99, 100, 101, 102, 104, 106, 107, 108, 109, 129, 187, 188, 198

Dramas 8, 188, 189, 192

E

Ecologia 16, 46, 47, 48, 49, 50, 144

Educação 4, 15, 46, 47, 48, 50, 51, 53, 60, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 93, 99, 100, 155, 174, 175, 186, 187, 216, 218

Enunciação 6, 38, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60

Estereótipos 8, 70, 176, 177, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187

F

Fake News 4, 5, 7, 18, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 95, 96, 97, 98, 129, 133, 134, 145

Fotografia 4, 6, 46, 48, 50

G

Gênero opinativo 4, 6, 1, 2, 3, 5, 7, 8, 12, 13

H

Humano 139, 150, 151, 152, 170, 179, 181, 186, 200, 201, 203, 204, 205, 207, 208, 210, 214, 216

I

Inclusão 20, 46, 47, 48, 50, 51, 138, 139, 180

Información 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 133, 134, 149, 150, 151, 152, 153

Inteligência 89, 112, 155, 156, 173, 174, 204, 212

Internet 16, 17, 18, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 48, 50, 52, 55, 59, 74, 75, 83, 85, 86, 87, 88, 89, 92, 94, 98, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 134, 141, 150, 154, 155, 156, 158, 159, 161, 169, 170, 171, 173, 175, 194, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 210, 211, 213, 215, 216, 217

J

Jornais 3, 4, 6, 21, 23, 32, 49, 52, 53, 59, 64, 65, 66, 89, 180

Jornalismo 1, 2, 3, 4, 6, 10, 11, 13, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 82, 86, 92, 96, 99, 182, 187, 218

L

Leitura 5, 44, 53, 107, 178, 209, 218

M

Manifestações 6, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 66, 74, 84, 113

Mídia 4, 6, 7, 3, 11, 14, 16, 21, 22, 24, 25, 26, 32, 38, 39, 41, 49, 50, 52, 53, 57, 58, 59, 60, 74, 77, 79, 85, 89, 90, 97, 98, 99, 100, 102, 103, 104, 105, 107, 108, 161, 176, 177, 178,

179, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 194, 195, 218

Migrante 6, 34, 35, 37, 39, 40, 41, 42, 43, 44

Mulher 6, 33, 34, 35, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 63, 68

N

Necropolítica 112, 113, 114, 120

Notícia 4, 6, 1, 9, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 30, 32, 40, 43, 45, 79, 90, 91, 93, 94, 96, 101, 103, 183, 186, 187

O

Objetivo 4, 1, 6, 18, 19, 24, 25, 27, 28, 34, 35, 37, 40, 47, 48, 49, 52, 53, 57, 58, 64, 79, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 94, 96, 104, 112, 114, 123, 129, 130, 139, 154, 161, 163, 165, 166, 169, 171, 179, 180, 192, 193, 200, 204, 214

Olhar 9, 11, 34, 36, 37, 44, 70, 74, 77, 100, 103, 114, 120, 177, 188, 202

P

Pandemia 4, 7, 8, 9, 11, 99, 101, 104, 105, 106, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 119, 124, 134

Participação 6, 15, 20, 24, 25, 29, 47, 63, 67, 75, 76, 77, 78, 79, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 87, 91, 96, 119, 141, 154, 156, 164, 168, 172, 175, 183

Pesquisa 1, 3, 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25, 27, 29, 30, 31, 35, 39, 40, 41, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 53, 58, 64, 65, 66, 67, 71, 72, 73, 86, 88, 89, 92, 94, 98, 99, 100, 103, 114, 138, 146, 160, 173, 174, 175, 176, 178, 180, 182, 185, 200, 201, 203, 204, 206, 207, 210, 213, 214, 218

Política 4, 8, 6, 11, 36, 59, 64, 65, 66, 67, 70, 72, 73, 86, 87, 89, 91, 92, 96, 100, 101, 103, 107, 114, 122, 123, 124, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 145, 147, 188, 198, 202, 214, 218

Propaganda 7, 72, 95, 105, 108, 122, 123, 124, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 134, 180

Q

Qualidade 10, 21, 25, 27, 48, 50, 53, 92, 103, 142, 144, 145, 186, 209, 210, 212, 213, 214

Questões 20, 22, 40, 49, 50, 79, 82, 88, 99, 100, 112, 139, 141, 144, 145, 146, 177, 179, 183, 185, 194, 205

R

Redes sociais 7, 18, 19, 23, 24, 27, 28, 31, 58, 59, 78, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 119, 122, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 174, 175, 197, 198, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 206, 207, 208, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 215, 216, 217

Reportagem 6, 1, 9, 10, 12, 17, 31, 34, 35, 39, 40, 41, 42, 43, 44, 83, 90, 93, 94, 101

Representações 6, 34, 35, 36, 37, 45, 50, 64, 65, 67, 68, 70, 71, 72, 110, 111, 119, 176, 177, 179, 180, 184, 186, 187, 210

Responsabilidade social 27, 33, 136, 137, 138, 140, 147, 218

S

Saúde 4, 6, 7, 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 68, 99, 100, 101, 102, 103, 104, 105, 106, 107, 111, 112, 115, 116, 117, 119, 120, 143, 178, 180, 181, 182, 183, 184, 186, 187, 203, 213, 216, 217

Sentido 6, 34, 36, 37, 39, 42, 50, 53, 55, 61, 63, 65, 67, 75, 77, 79, 80, 81, 84, 100, 102, 103, 106, 109, 110, 113, 114, 119, 140, 151, 155, 159, 161, 164, 167, 169, 171, 172, 180, 181, 184, 186, 188, 192

Surdos 46, 47, 48, 49, 50, 51

Sustentabilidade 7, 56, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142, 143, 144, 145, 146

T

Teledramaturgia 188, 189, 192, 198

Texto 3, 6, 7, 8, 31, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 52, 60, 61, 69, 79, 83, 84, 93, 94, 99, 100, 105, 106, 108, 159, 161, 169, 170, 201, 218

Transtorno 8, 176, 177, 178, 180, 182, 183

U

Usuário 18, 19, 78, 88, 97, 115, 117, 118, 207, 208

V

Virtual 8, 51, 78, 87, 88, 90, 92, 95, 96, 154, 159, 171, 175, 200, 201, 202, 203, 204, 205, 207, 211, 214, 216

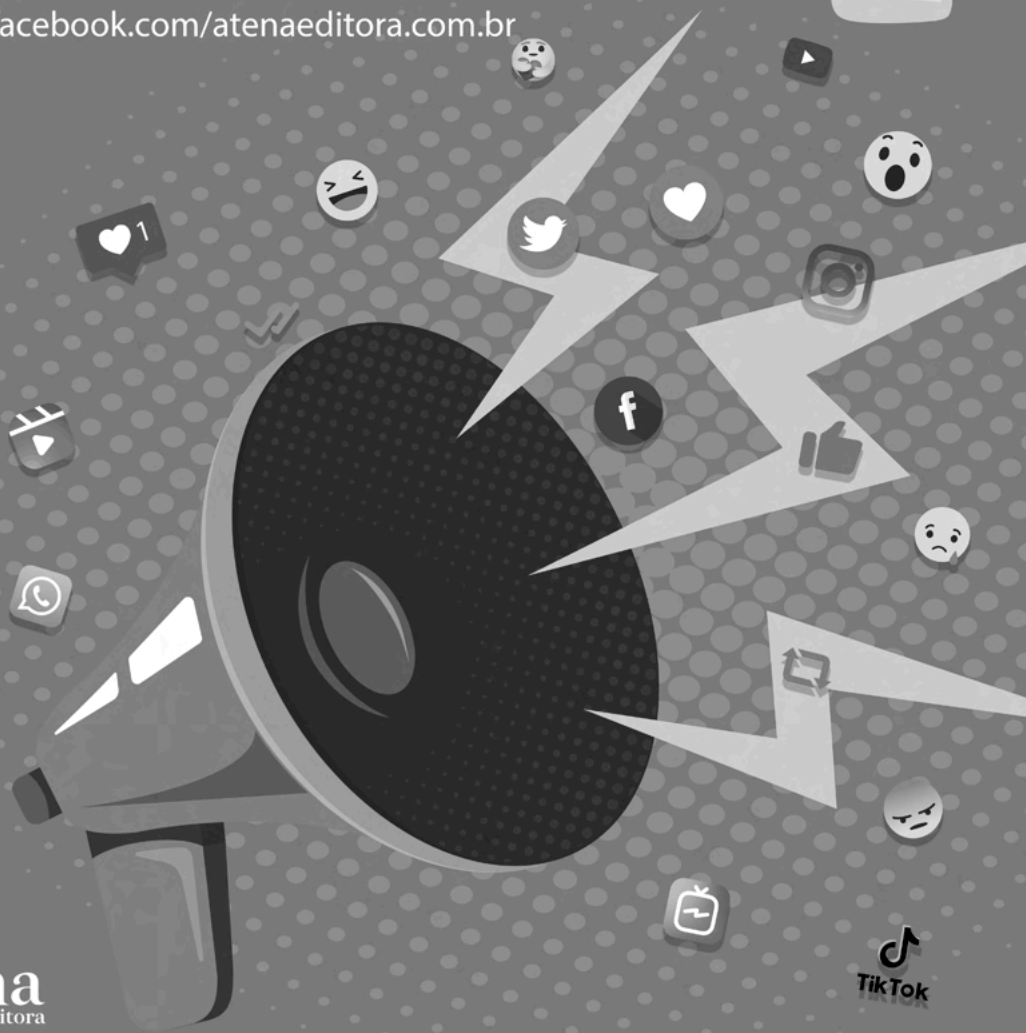
Visualidade 7, 110, 114

COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais





- 🌐 www.atenaeditora.com.br
- ✉ contato@atenaeditora.com.br
- 📷 @atenaeditora
- 📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2



COMUNICAÇÃO:

Mídias, temporalidade e processos sociais

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

2

